



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

250 anos de Porto Alegre – 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I – 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG – 170 anos da Batalha de Monte Caseros – 110 anos do início da Guerra do Contestado – 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo – 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso – 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo – Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália – 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.

ANO 2022

Outubro

Nº 413

A FALTA QUE A ALEMANHA FAZ

Marcos Paz do Nascimento*

(texto recebido do autor em 01 de outubro de 2022)

Segue a guerra na Região da Ucrânia. Até quando? Só Deus sabe. Quem sairá ganhando? Os Estados Unidos da América, com certeza e, talvez, a República Popular da China. Quem sairá perdendo? Sabemos todos: A Federação Russa, a República da Ucrânia e a Europa (a Continental, ao menos).

O presente texto objetiva explorar o porquê da inércia alemã e o fará propondo uma explicação (apenas ‘uma’, não ‘a’) centrada na consciência histórica do povo alemão. Como tal entende-se a consolidação da memória coletiva.

Nota: auxílio à leitura: as notas podem até não serem lidas, mas se o forem instrumentalizarão melhor o leitor para dialogar com o texto; este que escreve considera uma solução facilitadora do acompanhamento primeiro ler apenas o texto e depois relê-lo já meio na diagonal encaixando a leitura das notas.

Por que a Europa embarcou no aventureirismo norte-americano de expandir e expandir a OTAN? Por falta de uma liderança geopolítica legitimamente europeia. E esta liderança prioritariamente deve ser alemã. Este advérbio, o de ser prioritário, corre por conta do mapa, da produtividade e seu produto, da pujança populacional, etc...

A melhor fonte que conheço para dar um vislumbre da força da Nação Germânica é o texto “Diplomacia” de Kissinger, e não custa lembrar que o alemão era a língua franca da ciência nas primeiras décadas do século XX e continuou a sê-lo até as redefinições trazidas pela II Guerra Mundial. (1)

Esta é a questão em pauta: porque a Alemanha ainda se esconde, ainda não avança para assumir um papel que lhe cabe ocupar? Penso que só há uma resposta: a profunda vergonha ético-moral que o advento, a extraordinária aceitação popular e a ação abertamente criminosa do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (doravante, por sua sigla em alemão, NSDAP) deixou sobre a Alemanha. (2)

Esta é a explicação que proponho.

Deixo claro que não focarei o Nazismo (a não ser o suficiente para destacá-lo do Fascismo) e que não compartilho de nenhuma ideia que absolva as gerações alemãs que o aplaudiram e encarnaram das agressões que em retorno lhes foram feitas.

A distinção que faço entre nazismo e fascismo passa ao largo de suas práticas econômicas, midiáticas, administrativas (os italianos elogiavam o ‘Duce’, afinal ele fez os trens chegarem no horário).

Ambos, como sistemas corporativistas, fazem o Estado interiorizar (em variados graus) a relação capital-trabalho. Embora o fascismo de Mussolini tenha sido pioneiro, embora o próprio Mussolini fosse midiático (Napoleão também era), não há nada intrinsecamente imoral em um Estado Fascista.

Deixo claro, Estados deste tipo são, em termos conceptuais e pragmáticos, autoritários; não são democráticos. Assim, têm polícia política, controlam a imprensa e o judiciário. Agora pergunto, olhemos a história, antes do advento do liberalismo político nos 1700 e primeira metade dos 1800, não eram todos assim? Alguém acusa o Marquês de Pombal, e seus congêneres os ‘Déspotas Esclarecidos’, de excrescência moral? E agora, para evitar que me tachem de anacrônico, pergunto se alguém acusa o ‘Getúlio do Estado Novo’ de excrescência moral.

O Regime do NSDAP, por sua vez, engendrou tamanha capacidade de fazer mal a outrem por conta de fatores absolutamente infensos à vontade deste outrem que não tem paralelo (por exemplo: um judeu poderia converter-se mas continuaria marchando para o forno, alguém nascido com deficiência estava destinado a ser assassinado pura e simplesmente).

Tudo isto em pleno Reinado da Ciência e sob os auspícios dos seguidores do Nazareno. É isto que chamamos de excrescência moral e o singulariza. (3)

De qualquer forma, para não deixar dúvidas, explicito meu entendimento do chamado Regime Democrático (como tal entendido um sistema político que não cerceia as manifestações sociais, não dirige a relação capital/trabalho e submete-se à alternância dos interessados no poder) como o mais adequado ao mundo no qual vivemos (peço a quem for criticar este texto o favor de não esquecer isto). (4)

Para não perder um bom exemplo histórico, lembro ter havido mais colaboração com o Holocausto Judaico por parte dos franceses de Vichy do que dos italianos de Mussolini (enquanto ainda tinham um mínimo de soberania, é claro).

Mas já estamos tão distantes do NSDAP quanto os alemães de sua época estavam da unificação (2022- 1945 = 77; 1945- 1870 = 75). E aí? O que impede tal tomada de posição? O que impediu a República Federal da Alemanha, una e partícipe da OTAN (até porque esta é garante da Polônia e outros), de paulatinamente fazer ver aos americanos (e seus obedientes escudeiros, os britânicos) que há realidades na Europa cuja complexidade não comporta (mais) dicotomias? Desconhecer, e os americanos não fazem isto quando seus interesses estão em jogo, que a própria noção de soberania exige contextualização só conduz a falsos dilemas. Ucrânia russo-ucraniana ou Ucrânia apenas e tão-somente apenas ucraniana? Catalunha espanhola-catalã ou Catalunha apenas e tão-somente apenas catalã? Irlanda do Norte irlandesa e britânica ou Irlanda do Norte apenas e tão-somente apenas irlandesa?

A Europa Ocidental (a que não era escondida pela Cortina) sabe disto há décadas e a França, a França de De Gaulle, juntou-se ao embrião da união econômica que redundaria no Mercado Comum. Assim também os outros Estados e eis aí os Trinta Gloriosos (5) e seu 'welfare-state'.

Ocorre que isto não redundou em nenhum mecanismo real de concertação que não se escorasse nos Estados Unidos da América. Enquanto o fantasma do Exército Vermelho estava às portas (como Aníbal estivera) tudo bem, mas e depois? Afinal o Muro caiu há trinta anos.

Não é minimamente crível que a Rússia avançasse sobre o Ocidente. Atentemos para apenas alguns de seus desafios:

- 1) Tornar-se uma sociedade de mercado; como exemplo, veja-se a dificuldade de criar um judiciário minimamente competente e motivado para, sem favorecimentos, deslindar as complexas disputas judiciais que o mercado cria;
- 2) Adequar realidades políticas a realidades étnico-culturais díspares, muitas vezes tornadas caóticas pela facilidade com que o finado Partido Comunista deportava e realocava populações inteiras; e
- 3) Haver-se com um vizinho recém ressuscitado e de força e habilidades ainda não bem conhecidas.

Atenção: não há aqui nenhuma ideia de prever o passado. Apenas há o entendimento de que os Estados, as sociedades, priorizam problemas. Enquanto a Rússia estivesse (e ainda está e não sabemos por quanto tempo) sob a proteção de um guarda-chuva nuclear crível, teria condições para impor um dano limitante ao agressor. Nestas condições, por que priorizar um avanço para além de suas fronteiras históricas? E nem mesmo estas ela quis preservar. Assim, a independência dos Estados Bálticos, cujo status político sob o Regime do Czar desafia afirmações simplistas, foi aceita. Vale explicitar o entendimento deste que escreve, nove fora as manobras político-populistas de uns e outros, 'é difícil limitar a Rússia apenas ao papel de estado agressor nesta questão ucraniana'.

É aqui que a falta de capacidade europeia (e repito, prioritariamente alemã) deixou um vazio, preenchido pelos Estados Unidos, em seu próprio interesse é claro. (6)

Minha explicação, 'uma' e não 'a', exige, na medida em que verdadeira, uma retomada na memória coletiva do povo alemão de seus outros muitos feitos, alguns deles militares. (7)

Reconheço, contudo, que embora o caminho talvez até já esteja sendo trilhado, ele será longo e precisará englobar os demais Estados europeus e suas memórias. É possível que um bom modelo, cuja teoria não conheço, seja o da absorção da Guerra de Secessão/Guerra Civil pela memória coletiva norte-americana. De qualquer forma, esta questão norte-americana é em si bem mais simples e assim também deve ter sido seu modelo.

Para concluir: não faço a menor ideia do pós-atual guerra na Região da Ucrânia, mas talvez ajude começar a convencer o Sr. Zelensky que o mundo é mais uma questão ‘do que se pode’ do que ‘do que se quer’. Ou seja, talvez aceitar a divisão da Ucrânia não seja péssimo para ninguém, embora igualmente não o seja bom.

Notas:

1 - esta era uma antiga intuição pessoal deste que escreve por conta de fatos históricos esparsos mas suficientemente numerosos, além, é claro do conhecimento de que as duas principais casas reinantes na Europa Central e Oriental eram alemãs (dinastias prussiana e austríaca) e do fato de que os Romanov costumavam procurar esposas dentre a nobreza germânica. De qualquer forma, encontrei isto escrito num texto sobre o polonês Ludwik Fleck (pessoa a quem Thomas Kuhn, no prefácio de ‘A Estrutura das Revoluções Científicas’ liga suas intuições sobre os paradigmas intelectuais). Vale citar que Deustcher, em ‘Stalin- uma biografia política’ diz que Stalin (antes de virar Czar, é claro) estudava gramática alemã. Como a ‘Bíblia’ que ele seguia fora escrita em alemão isto até pode parecer natural, mas vale lembrar que Stalin fez carreira no Partido à parte das querelas teóricas que encantavam a fina flor da intelectualidade marxista-leninista perante a qual esforçava-se para não parecer ignorante.

2 - relatos de conhecidos que já foram à Berlim (eu nunca fui), alguns dos quais pessoas que embora cultas não tem o menor interesse por história e assuntos correlatos, dão conta do esforço para fazer o mea-culpa e não para escondê-la. Aqui cabe um contraponto com o Japão, e a China volta e meia lembra-se disto.

3 - para deixar claro o fundo transcendente da questão, lançarei os olhos sobre outro forte

candidato à primazia no ranking da maldade, os marxismos (com seus muitos ‘ismos’ justapostos por hífen). Stálin, apenas um exemplo, que enquanto líder político é fortíssimo concorrente do NSDAP e talvez até apresente números mais grandiosos, transformou o Partido Comunista da União Soviética em uma máquina, a qual, em nome de seus objetivos, aceitava aprisionar, torturar, matar, etc... Aliás, em defesa da ética marxista-leninista nada melhor do que o texto de Trotsky (sim, aquele mesmo que Stálin mandou matar) chamado ‘Nossa Moral e a Deles’. Para auxiliar os que não se dispuserem a procurar o texto de Trotsky, vou resumi-lo: Nós podemos, vocês não. Por quê? Porque nós somos nós, Ponto. Mesmo assim, deixo o primeiro lugar com o NSDAP. Por quê? Porque postulo uma diferença entre fazer o mal para atingir um bem (no julgamento de quem faz o mal, é claro) e ter o Mal por objetivo. E tem o Mal por objetivo aquele que arbitrariamente opta por fazê-lo (Putnam, em Razão, Verdade e História). Para evidenciar o quanto de arbitrariedade havia em tudo o que o NSDAP significava basta comparar sua visão de Alemanha com a de Bismarck. Para este à Alemanha cabia o primeiro lugar no mundo. Tudo bem, para Gambetta ele o cabia à França. Para o NSDAP não bastava caber à Alemanha o primeiro lugar no mundo, era preciso querer para outros lugar nenhum no mundo (na Polônia ocupada nem governo colaboracionista houve, ela tornou-se uma região denominada ‘Governo Geral’).

4 - o Regime Democrático necessita de instituições que limitem o jogo do capital com o trabalho e de instituições que agreguem preferências díspares e muitas vezes conflitantes. As que limitam o jogo são os sindicatos e, talvez hoje mais ainda, mecanismos políticos capazes de proporcionar o mínimo de segurança ao fator de produção trabalho, cuja variação (leia-se poder do patrão de despedir o empregado e de manter o salário no menor valor capaz de atraí-lo) é fator de ajuste da taxa de lucros e, assim, da continuidade do sistema. As que agregam preferências são os partidos políticos. Em sociedades nas quais as escolhas individuais não são previamente formatadas (de alguma forma, sempre parcialmente o são), aos partidos cabe a função de construir, e não apenas espelhar, escolhas coletivas minimamente consistentes (aqui em sentido lógico, ou seja, sem acolher contradições). Assim como os sindicatos vêm, muitas vezes, sendo suplementados pela ação direta dos governos, penso que, talvez, apenas talvez, as

redes sociais possam suplementar a ação dos partidos.

5 - como são conhecidos na vulgata da História Econômica os anos que medeiam entre o final da II Guerra Mundial (melhor até dizer Plano Marshall) e as mudanças econômicas da década de 1970.

6 - não há da parte deste que escreve nenhuma demonização dos Estados Unidos da América. Pelo contrário, reconheço seu valor positivo (mas auto-interessado) na construção de um mundo melhor. Ontem e hoje. Quando os Estados Unidos são isolacionistas, são criticados por isto, quando deixam de sê-lo, são criticados também.

7 - a juventude alemã que deixou a vida nas trincheiras o fez de modo tão digno quanto a francesa, a britânica e as demais. Os alemães não devem envergonhar-se dela, pelo contrário. Por que Bismarck seria menos digno do que Napoleão, que invadiu muito mais terras, matou muito mais gente e os franceses não param de cantar?

* Cel Cav EM Veterano do EB.

#####

CANÇÃO DO TAMOIO

De: Antonio Gonçalves Dias

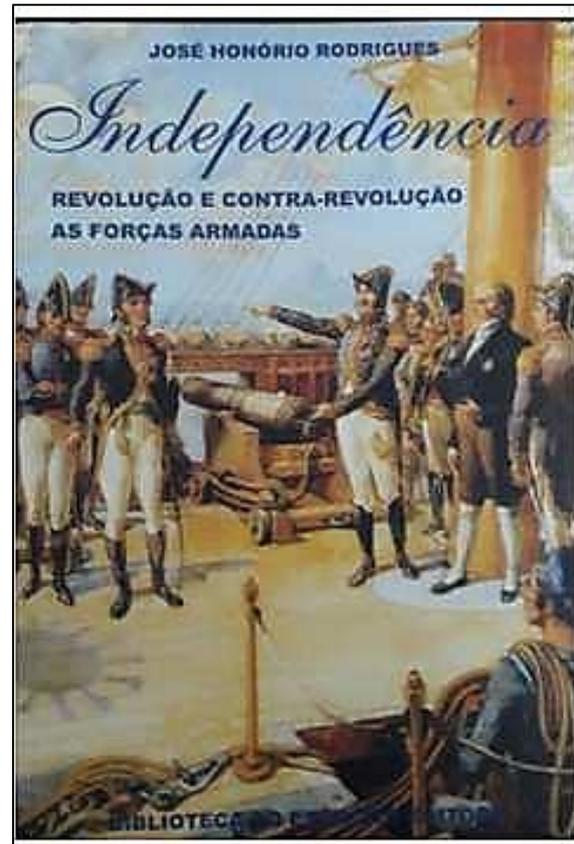
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida: Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves conselhos,
Curvadas as frentes,
Escutam-lhe a voz!

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!

RODRIGUES, José Honório. *Independência – Revolução e Contra-Revolução – As Forças Armadas*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2002.



IGHMB; BERGO, Márcio Tadeu Bettega, general (coordenador). *Brasil – 200 anos da Independência*. Rio Bonito, RJ, Benedictus, 2022.





MURILLO DE ARAGÃO

TENENTISMO: UMA FORÇA PODEROSA

O movimento faz 100 anos
e continua influente,
muito influente

1|8



MURILLO DE ARAGÃO

A **MAIS PODEROSA** força política do Brasil, o tenentismo completa 100 anos. Já em seu nascedouro, o movimento abalou as estruturas políticas do país. E, ao longo do tempo, influenciou eventos diversos, como as revoltas de 1922 e 1924, a Coluna Prestes, a Revolução de 1930, a Intentona Comunista de 1935, o advento do Estado Novo, a redemocratização em 1945, o suicídio de Getúlio Vargas, o golpe cívico-militar de 1964 e, mais recentemente, a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018.

Vale registrar que o tenentismo tem origens no positivismo de Benjamin

Início

2|8

MURILLO DE ARAGÃO

Constant, que, por sua vez, influenciou a quartelada que derrubaria o Império. O tenentismo tem também uma ainda pouco estudada inspiração nos movimentos liderados pelo marechal Kemal Atatürk, que acabou com o Império Otomano e fundou a República Turca. No Brasil, os tenentes de 1920 eram conhecidos como “jovens turcos” justamente por causa de seu ideário reformador, tal qual Atatürk.

Nossos tenentes eram quase todos saídos da Escola Militar do Realengo, na Zona Oeste do Rio. A instituição profissionalizou o Exército e reforçou

Início

3|8

MURILLO DE ARAGÃO

seus credos, tornando parte de seus alunos protagonista da política nacional, além de eles virarem mentores dos que os seguiram.

O tenentismo pregou fortemente contra as oligarquias, a política conciliatória do “café com leite”, a corrupção e o loteamento de cargos, e defendeu o aperfeiçoamento do sistema eleitoral, o intervencionismo nacionalista na economia e uma agenda reformista do sistema educacional, entre outros temas que ajudaram a construir um ideário de enorme peso na tomada de decisões no Brasil dos últimos 100 anos.

Início

4|8

O fato de o tenentismo ter sido a mola ideológica do golpe cívico-militar de 1964 o condenou perante nossa *intelligentsia*, basicamente de centro-esquerda ou de esquerda. Daí o tema acabar quase banido dos círculos acadêmicos e ser relegado a um plano inferior na análise da história política brasileira. Porém, mais do que por sua evidente relevância histórica e política, o centenário do tenentismo merece ser observado com atenção, em virtude de dois fenômenos recentes. Um deles é a Operação Lava-Jato, promovida pela Polícia Federal a partir de março de 2014 contra a corrupção.

“Sem a eclosão do chamado ‘neotenenentismo’, Jair Bolsonaro não teria chegado ao poder”

Em 2016, em artigo sobre o tema, afirmei que a força-tarefa da Lava-Jato queria reformar a política no Brasil por meio de suas investigações, representando uma espécie de “neotenenentismo” antiestablishment político. Na ocasião afirmei também que, tal qual o movimento de 1920 encabeçado por jovens militares, os procuradores se viam como “agentes da regeneração” e “defensores das instituições republicanas”. Sem a eclosão do “neotenenentismo” e de sua pauta moralizante, o presidente Jair Bolsonaro não teria chegado ao poder. E esse seria o segundo fenôme-

no recente. As narrativas do então juiz Sergio Moro, hoje ministro, e do procurador Deltan Dallagnol, ambos à frente da Lava-Jato, abriram caminho para o retorno do antigo tenentismo que instrui a base narrativa de Bolsonaro. Apenas por isso o tema já deveria atrair atenção, ainda que a potência influenciadora do tenentismo deva merecer reflexões aprofundadas. ■

#####

*"O homem pensa e a mulher sonha.
Pensar é ter uma larva no cérebro; sonhar é ter na fronte uma
auréola.
O homem é a águia que voa; a mulher, o rouxinol que canta.
Voar é dominar o espaço e cantar é conquistar a alma.
Enfim, o homem está colocado onde termina a terra; a mulher, onde
começa o céu".*

Victor Hugo

(Victor-Marie Hugo (Besançon, 26 Fev 1802 — Paris, 22 Mai 1885)

romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, artista, estadista e ativista pelos direitos humanos franceses de grande atuação política em seu país. É autor de *Les Misérables* e de *Notre-Dame de Paris*, entre diversas outras obras clássicas de fama e renome mundial.



**Os comunistas são as pessoas
que leram Marx e Engels , os
anti-comunistas são os que
entenderam.** Ronald Reagan

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com